

JOSÉ DE MESQUITA
(Do Instituto Histórico de Mato Grosso)

ANUÁRIO GENEALÓGICO BRASILEIRO

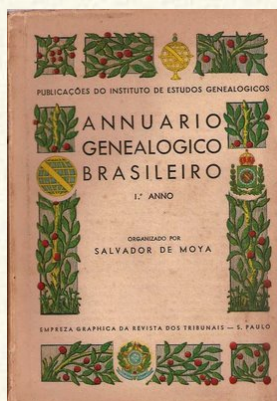
1.º Ano
organizado por SALVADOR DE MOYA

(pags. 399-403)

SOROCABANOS EM MATO GROSSO

(crônica)

organizado por SALVADOR DE MOYA



Empresa Gráfica da Revista dos Tribunais
São Paulo
1939

JOSÉ DE MESQUITA



José Barnabé de Mesquita

(*10/03/1892 †22/06/1961)

Cuiabá - Mato Grosso

Biblioteca Virtual José de Mesquita

<http://www.jmesquita.brtdata.com.br/bvjmesquita.htm>

9.^a PARTE — COLLABORAÇÃO

GENTE E COUSAS DE ANTANHO

Pelo DESEMBARGADOR JOSÉ DE MESQUITA

I — Sorocabanos em Mato Grosso

Depois da lusa, ou ao lado della, é a ascendência paulista que contribuiu com o maior elemento na formação do tipo cuiabano.

Das velhas cidades da zona sorocabana — Itú, Sorocaba, Porto Feliz (a Ararituaba das monções) Parnaíba e outras, provem quasi todas as linhagens cuiabanas de hoje.

Explica-se essa primazia da zona sorocabana na influencia da formação dos nossos velhos troncos genealógicos: foi dos nucleos de população banhados pelo histórico Tiete, a jusante da cidade piratiningana, que irradiou, através das monções e das bandeiras o surto povoador e colonizador dos sertões do Oeste.

Á antiga Sorocaba, sobretudo, cabe papel de indissimulável relevância na Historia matogrossense, desde os seus primórdios. Estas considerações me vieram à ponta do lápis de cronista de novo sugeridas pelas amáveis letras que me dirigiu um estudioso do Passado, o cônego Luis Castanho de Almeida, de ilustre progênie, como o apelativo familiar lh'ó está a indicar. Prepara ele, para breve publicação, um livro versando o tema que serve de titulo a esta crônica e pede para o mesmo a minha colaboração, que aí vai, neste folhetim escrito sobre a perna e com os elementos que tenho a mão. Supra, assim, a boa vontade de cooperação, o que de falho e deficiente exista neste trabalho.

* * *

A historia de Mato Grosso é, na sua fase inicial, que data de 1718 a 1750, a historia das Minas do Cuiabá. E as lavras de que se originou a actual Capital matogrossense, foram descobertas por um sorocabano — Miguel Sutil. É o nosso primeiro efemerista, Barbosa de Sá, quem no-lo conta, em seu interessante fraseio, que vale registado:

“No mez de Outubro deste anno, (1722) fez Miguel Sutil, natural da Villa de Sorocaba, viagem para sua roça, que havia principiado a beira do Cuiabá... Chegando a este logar a proseguir os fins da sua plantação, mandou no seguinte dia dois índios ao mel com os preparativos necessários, que eram machados e cabaças; passado o dia chegaram ao rancho alta noite sem mel algum os dois enviados, contra os quaes enfurecido o amo os reprehendeu asperamente por haverem gasto o dia todo sem montaria a cujas vozes respondeu o mais ladino: — Vos viestes buscar ouro ou a buscar mel, e perguntando-lhe o amo si tinha achado ouro, mettu o índio a mão ao seio de um jaleco de baeta que tinha vestido, cingido com um cinto por cima, e tirou um embrulho de folhas do matto e o mettu nas mãos do amo; abrindo este as folhas achou 23 granetes de ouro, que todos pesaram 120 oitavas ... “ a surpresa do achado levou Sutil, ao clarear do dia, com seu camarada João Francisco, o Barbado, e outros índios, na pista do “famoso meleiro, que tão boas colméias tinha achado”. E — continua o licenciado — “chegaram ao lugar onde se acha hoje esta villa (Cuiabá), que era todo coberto de matto serrado e grandiosos arvoredos ... “ “onde logo foram vendo ouro sobre a terra, apanhando-o as mãos sem cavar. Recolheram-se pela tarde aos seus ranchos, e Sutil com meia arroba de ouro, a maior parte delle cavado em seixos, e o camarada João Francisco Barbado com duzentas e oitenta oitavas, por ser só e não ter quem o ajudasse”.

Estava fundada Cuiabá, sobre o solo dadivoso em que o sorocabano Sutil havia tido a fortuna de encontrar a “maior mancha (de ouro) que se tem achado em todo o Brasil”.

* * *

Pela expressão sorocabanos entendo não só os nascidos na velha cidade, celebre pela sua feira e pela revolução liberal de 1842, mas também os naturais de toda a zona que medeia entre São Paulo e Tiete — Itú, Ararituaba (a Porto-Feliz de hoje), Parnaíba, etc., e que forma a centro irradiador da primeira marcha para o Oeste, no século XVIII. Folheando velho códice existente no Arquivo eclesiástico de Cuiabá, no qual se registam os batismos do período de 1736 a 1744, encontra-se, com maior freqüência, na menção da naturalidade, referencia a Sorocaba, Itu, Ararituaba, do que a outras localidades.

Sorocabanos — da cidade que centraliza a zona conhecida por esse nome — foram o coronel Jose Paes Falcão das Neves, fundador do engenho de Coaes e dono das lavras desse nome, um dos troncos da estirpe Figueiredo (1), os irmãos Antunes Macieis, que tiveram marcante actuação na descoberta e na fase do povoamento; Fernando e Artur Paes de Barros, descobridores das minas do Galera e fundadores da antiga Capital, a histórica Vila Bela da Santíssima Trindade.

Sorocabanos — da zona assim chamada — foram Fernando Dias Falcão, capitão-mor e regente das Minas do Cuiabá, natural de Parnaíba, e casado com D. Lucrecia Pedroso de Barros, filha do capitão-mor de Sorocada, Tomé de Lara de Almeida, Salvador Jorge Velho, de Itú, Antonio Joaquim da Silva Prado, ituano também, um dos epigonos

(1) Silva Leme, Genealogia Paulistana, II, 321 (titulo Lemes)

dessa destacada linhagem; Antonio de Almeida Lara, brigadeiro e sargento-mor das Minas de Cuiabá, nascido na povoado de Nossa Senhora da Penha de França, termo da vila de Parnaíba; Jose Soares Moniz, tronco de Mesquitas Monizes, Viegas e Jorte, natural de Itu (2); os Arruda e Sá de Itú, um dos quaes, João, se casou com Potencia Leite de Almeida, de Sorocaba, e foi pai de D. Francisca, esposa do guarda-mor André Alves da Cunha, patriarca dos ramos Alves da Cunha, Nunes e Ribeiros, de Poconé. (3) D. Maria Teresa de Jesus, tronco materna da numerosa e ilustre vergôntea dos Corrêas da Costa, esposa que foi do 1.º Francisco Corrêa, e filha que era de Martinho de Oliveira Gago (da Penha) e Izabel de Arruda (de Itu), (4) alem de muitos mais que fôra longo e fastidioso arrolar.

* * *

Mas, é preciso se note, não é só da sua gente de prole que nos sortiu Sorocaba, encabeçando os melhores e maiores títulos de linhagem cuiabana. Até o Padroeiro de Cuiabá é sorocabano. O Bom Jesus (refiro-me, é claro a imagem veneranda) foi feito em Sorocaba, e, rezam as crônicas, por mãos de mulher.

Lá está no mesmo registo barbosiano, cujo original existente no Arquivo Público, constitue a nossa certidão de idade e o palimpsesto glorioso do Passado matogrossense, a fiel e autentica narrativa da origem dessa Imagem: “Neste mesmo anno (1729) se expediu por mandado do Senado da Câmara e pessoas principaes a buscar a venerável imagem do Senhor Bom Jesus, que hoje veneramos na nossa igreja Matriz, que estava no sitio de Camapuan. **Foi esta imagem fabricada na villa de Sorocaba por mãos de uma mulher;** (o grifo é nosso)

(2) Idem. n. 437.

(3) Mesquita, Nobiliário matogrossense, tit. na Rev. I.H.M.G. vol. XV.

(4) Do mesmo — Genealogia cuiabana. tit. Corrêa da Costa, in Ver. I.H.M.G.

trouxe-a consigo um Pedro de Moraes, natural da mesma villa, nos primeiros annos que se descobriram estes sertões, e, não podendo continuar o caminho pelas difficuldades que naquelles tempos havia, arribou e deixou a imagem em um rancho coberto de palha, a borda do Rio Grande, logar chamado Guarapiranga, de onde no seguinte anno, a mudaram outros para o Rio Pardo, acima da barra do Anhanduhy, em um rancho. Dahi a tornaram a levar outros viandantes para o mesmo logar do Guarapiranga, de onde no seguinte anno a trouxeram outros até Camapuan e ahi a deixaram". (5) Segue-se a noticia de transporte da Imagem de Camapuan a Cuiabá por uma turma de três canoas e vinte e cinco homens, que tinha como cabo de leva a Domingos Barbosa Leme, sendo conduzida de Porto Geral processionalmente e colocada em um altar lateral da Matriz — o mesmo em que esteve até quando, vai por poucos annos, a fizeram tomar posse do altar-mór, como orago da mesma igreja e da Cidade.

Pelo visto, não é mais preciso insistir sobre a extraordinária influencia dos sorocabanos na evolução histórica de Cuiabá.

Si o próprio Bom Jesus de Cuiabá — o nosso grande Amigo e Protetor, que tem sido, através dos tempos, o objeto da fé e do amor de tantas gerações — si o nosso Padroeiro que tem sabido ser um paládio glorioso de nossa terra, é também ele, sorocabano, parece que não ha mister pôr mais na carta, nem alongar de modo cansativo este folhetim.

Agradeçamos a Deus essa nobre ascendência sorocabana, de que só temos motivos para nos orgulhar e, honrando os seus exemplos passados, esperar confiadamente no futuro (6).

(5) Crônicas de Cuiabá, na Rev. do I.H.G. de S. Paulo, VI, 60.

(6) Esta crônica foi publicada n' "A Cruz", de Cuiabá, de 20-VIII-1939.

INSTITUTO GENEALÓGICO BRASILEIROSECCÃO DE MATO GROSSO**Entre os linhagistas**

in: REVISTA GENEALÓGICA BRASILEIRA, por Instituto Genealógico Brasileiro, Salvador de Moya (org.), Vol. 2, Ano 1, 1940, p. 429-430.

Desembargador JOSÉ DE MESQUITA

O anuário Genealógico Brasileiro e os trabalhos do Tte. Cel. Salvador de Moya

A melhor e mais acertada filosofia ainda é a que se condensa nos ditos populares, e, por isso, quero, a propósito de genealogia e genealogistas, lembrar aquele "não há como um dia depois do outro" da velha sentença. Quando comecei a fazer o meu primeiro estudo nesse gênero, lembra-me ainda muito risinho sardônico e muita interrogação cheia de propósitos velados que surpreendi nos lábios das pessoas cultas ou presumidas de tal. Pois bem. Hoje vejo com satisfação que os ensaios que a muita gente pareceria futilidade ou coisa de desocupados entram a interessar vivamente os nossos devassadores do Passado e organizam-se sociedades especializadas no cultivo da ciência das linhagens, com órgãos na imprensa para ampla difusão de seus trabalhos. Quero-me referir ao *Instituto Genealógico Brasileiro*, com a sua magnífica *Revista* e o seu não menos excelente *Anuário*, *Revista* e *Anuário* que tem grande e infatigável organizador e propulsor na pessoa do meu caríssimo e estimável confrade Salvador de Moya, autor de vários e interessantes ensaios

históricos e membro dos Institutos Históricos de São Paulo e do Pará, dos Institutos Genealógicos Brasileiro e do Rio Grande do Sul e das Academias de Málaga, Cadiz e Huelva. Não será por certo, neste ligeiro registro, que flagrância apenas o aparecimento de publicações, numa impressão fugitiva, que se poderá dizer do que são e do que valem tais trabalhos, seguramente dum extraordinário alcance para o conhecimento dos problemas étnicos, históricos e sociais em nosso país. A Genealogia é um grande foco de luz a esclarecer aspectos e pôr de manifesto tendências psicológicas, traços de caráter individual, que vem influir poderosamente nos rumos coletivos do presente. Quanta manifestação de elevada moral ou índice de inferioridade psíquica não vão encontrar sua incógnita nos sombrios domínios do atavismo e da ancestralidade! Por outro lado, os grandes dramas da História são influenciados por elementos muitas vezes imperceptíveis e imponderáveis que estudos genealógicos vêm esclarecer e decifrar. Daí, sem dúvidas, a benemerência de tais estudos que exigem paciência beneditina, criterioso rigor e amor e dedicação invulgares. Tudo isso no-lo revelam, largamente, os trabalhos a que acabo de me referir, sobretudo o *Anuário*, obra-prima no gênero, num volume que agrada desde o seu aspecto externo e ótima feitura, até a escolha do material de colaboração farto e variado, em que o nosso Estado se acha representado por um ensaio acerca dos *Sorocabanos em Mato Grosso*. Mas quero e devo deixar aqui assinalada a confortadora impressão que me tem trazido esses estudos e publicações, que deleitam e instruem, e cuja alta finalidade vem expressa em publicação do “*Diário Popular*” de 12-X-1939, transcrita no 1.º volume do “*Anuário Genealógico Brasileiro*”, página 472: — “constituem um agente seguro e positivo da unidade nacional” (1).

(1) Artigo publicado no n.º 1.435, de 14-IV-1940, d’”A Cruz” (de Cuiabá).